

INVESTIGAÇÕES SOBRE O ESPAÇO COMO LUGAR DE REPOUSO EM BACHELARD

Gabriel Kafure da Rocha

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Ética e Epistemologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professor de Filosofia e Ética do Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Campus Petrolina, Zona Rural.

gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br

gkafure@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca tratar da questão filosófica do espaço como habitação, vista principalmente nas obras de Bachelard *A terra e os devaneios do repouso*, bem como também na *Poética do Espaço*. Por essa via, o filósofo pretendia demonstrar o aspecto poético da terra e do espaço. Dentro de uma investigação mais profunda, atenta-se que a medida do espaço poético pode ter um valor ontológico, subjetivo e estético. Dessa forma, habitar a terra e a casa se tornam uma abertura ao repouso do ser, como fonte de energia inesgotável para a aventura da compreensão do espaço. A ontologia que se encontra nesse contexto se torna assim uma experiência fragmentada da imaginação e da aproximação dos seus limites.

Palavras-chave: Bachelard; Espacialidade; Terra; Casa; Ontologia.

INVESTIGATIONS INTO THE SPACE AS A PLACE OF REST IN BACHELARD

ABSTRACT

This article seeks to address the philosophical issue of space as housing, seen mainly in the works of Bachelard *Earth and reveries of repose* and also in the *Poetics of Space*. In this way, the philosopher intended to demonstrate the poetic aspect of earth and space. Within a deeper, given that the measure of poetic space research can have an ontological value, subjective and aesthetic. Thus, inhabiting the land and the house become an opening to the rest of the being, as an inexhaustible source of energy for the adventure of understanding of space. The ontology is in this context thus becomes a fragmented experience of imagination and approach their limits.

Keywords: Bachelard; Space; Earth; House; Ontology.

LES ENQUÊTES SUR L'ESPACE COMME UN ENDROIT DE REPOS EN PLACE BACHELARD

RÉSUMÉ

Cet article vise à répondre à la question philosophique de l'espace comme maison, principalement dans les travaux de Bachelard *Terres et rêveries de la maison*, et aussi dans la *Poétique de l'espace*. Pour cette vie, le philosophe vise à démontrer l'aspect politique de la terre et de l'espace. Au sein d'une plus profonde, étant donné que la mesure de la

recherche spatiale poétique peut avoir une valeur ontologique, subjective et esthétique. Ainsi, habitant la terre et la maison deviennent une ouverture sur le reste de l'être, comme une source d'énergie inépuisable pour l'aventure de la compréhension de l'espace. L'ontologie est dans ce contexte devient ainsi une expérience fragmentée de l'imagination et approcher leurs limites .

Mots clés: Bachelard; Spatialité; La terre; Maison; Ontologie.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste numa investigação acerca dos fundamentos espaciais presentes no pensamento do filósofo francês Bachelard (1884-1962), célebre epistemólogo e historiador das ciências. Retomando um contexto filosófico europeu do séc. XX sobre a ontologia, pretende-se iniciar a exposição dos posicionamentos bachelardianos sobre essas questões. “O espaço, o grande espaço, é o amigo do ser.” (BACHELARD, 1993, p. 332).

A ontologia em Bachelard não pretende perguntar pelo o que é o “ser”, mas pensar o ser da ciência e da obra. Tomando a palavra obra como o desdobramento poético da relação do indivíduo com o que ele cria. Existem outras formas de encontrar o ser além do tempo de uma ontologia fundamental, é por isso que nas regionalidades ontológicas do espaço é possível pensar esse ser da espacialidade, será ele um númeno, um ente, uma manifestação de onde ocorre a consciência? Essas são perguntas muito profundas que não terão uma resposta no presente artigo, mas que pretendemos trabalhar numa pequena vertente da imaginação do espaço do repouso.

Atualmente, uma das mais prementes questões referentes ao conceito de espaço, tido como um “produto técnico”¹, é a do processo socioespacial ao qual as categorias como mundo (*kosmos*), espaço, região (*chóros*) e lugar (*topos*) têm sido ressignificadas consideravelmente. Nesse sentido, a exposição que pretendemos fazer, indicará um caráter mais fenomenológico dos espaços íntimos. Tal fenomenologia se dá como possibilidade de dizer o ser do espaço entre ilusão e realidade. Logicamente, essa meta é muito abrangente, tanto que é possível uma leitura mais ampla em Bachelard, referindo-se também aos espaços epistemológicos, físicos, etc.

Logo, é na imagem do interior e o exterior como prisma de abertura dos espaços que se comunicam numa dialética do sim e do não, sem sínteses, que nasce uma dialética de uma eterna tensão. Com o interior e o exterior, o investigador em filosofia poderá pensar o

¹ Há vários autores que trabalham sob esse prisma, mas pode-se dizer que no nível da ontologia, Heidegger deu um passo inicial ao assumir que na armação (*gestell*) as coisas são só componentes de cálculo. O rio não é mais a beleza sob a ponte, a fonte da poesia lírica, mas apenas estoque, fonte de energia hidrelétrica.

ser e o não-ser tal como uma metafísica mais profunda da própria subjetividade. Ele quer fixar o ser em sua interioridade, mas se confronta entre o seu ser e o Ser do mundo, e enxerga a grande contradição fenomenológica desses espaços.

Por esse motivo, o Ser do espaço parece inconcebível, pois ele é fruto de uma geometria íntima, de modo que esse Ser é, na medida em que habita o espaço, sendo sentido e tocado. Por isso também, Bachelard considera que é preciso pensar com as mãos e critica a ocularidade, pois como será possível conhecer o que habita o espaço, dentro de seu aspecto noturno e escuro como é a propriedade do espaço poético?

É da imagem que chega da linguagem e não da ocularidade, que é o espaço que essa fenomenologia se ocupa. A oposição entre interior e exterior em uma relação fenomenológica pode vir a ser uma exageração, por isso, antes de reduzir, é preciso experimentar o entre ser dessa relação. Bachelard considera que a fenomenologia por si só é uma instrumentação da imagem, a fenomenotécnica seria a abertura para uma análise mais científica dos espaços que vão do racional ao real. Da possibilidade que a própria ciência tem de construir o fenômeno.

Com a palavra fenomenotécnica a epistemologia bachelardiana pretende, antes de tudo, ressaltar o alcance fenomenológico que a reflexão sobre a ciência deve assumir face ao caráter de fenômeno que esta confere à técnica. Com este aparente jogo de palavras, ao fim e ao cabo, diz-se que o fenômeno que irrompe do jogo dialético, da disputa (*agón*) que travam realismo e racionalismo no interior de toda atividade científica tem, efetivamente, aquele fundo revelador de algo que se mostra... de uma mostraçã o e aclaramento (FERREIRA, 2003, p. 28).

Ora, nesse primeiro ponto da realidade fenomenológica, o exterior se mostra como vertiginoso, assim, é preciso uma saída dele, a que Bachelard chama de porta (é interessante, que há uma inversão da imagem usual da porta, pois nesse caso, ela não é uma saída para o exterior, mas é a entrada para o interior). Paradoxalmente, a porta é a possibilidade de abertura para o cosmos, visto que é nela que está a possibilidade de entrada e saída do devaneio, desse devir entre o ser e o não ser: “Mas é o mesmo ser, aquele que abra uma porta e aquele que a fecha?” (BACHELARD, 1993, p. 343).

Essa porta para a interioridade é a ligação também com a exterioridade: “De que plenitude de um interior ramificado está a substância do ser? O exterior a chama? O exterior não é uma antiga intimidade perdida na sombra da memória?” (BACHELARD, 1993, p. 347). Dessa relação fenomenológica entre interior e exterior, que filósofos já falavam em certa compreensão que o exterior é o interior e vice-versa. Bachelard tenta com essa fenomenologia eliminar a oposição ou polaridade dessas dimensões, pois nela não há

mais medida de evidência geométrica, já que o espaço exterior passa a ser meditado na interioridade. Nesse sentido, o espaço não é mais vivido de forma geométrica, justo porque dá lugar à vivência imaginária. O imaginário em Bachelard é uma parte consistente da construção da realidade, posto que sua materialização é justamente a abertura das portas do inconsciente para a experimentação das imagens poéticas no espaço.

Essa consciência² do espaço é feita pela memória, mas essa, por ser temporal, se dá “nessa perspectiva, [em que] a realidade dentro e fora do homem é fundamentalmente temporal” (PAIVA, 2005, p. 121 – grifos nossos). A maneira como o indivíduo transforma o exterior em interior é a maneira como ele habita o mundo, e nesse sentido, o espaço é a única continuidade material que serve de análise à alma humana.

O espaço é o lugar onde se abre a fenomenologia da imaginação. Nesse sentido, os fenômenos são uma união entre aquilo que é dado pela aparência das coisas e aquilo que é integrado pela imaginação. Nessa fenomenologia, o filósofo está disposto a analisar as pequenas coisas, a maneira como a natureza e o homem desenvolvem suas cascas ou casas, tais como a concha, o ninho, os cantos da casa (sótão, porão, quartos, portas, janelas, armários e gavetas).

É preciso analisar essas imagens no espaço enquanto materialidade, como ele mostra seu preenchimento que é a própria superficialidade da terra, seu desenho, sua aparência exterior, a terra e suas construções. A natureza se expressa e a vontade do ser humano está constantemente transformando também a sua expressão com a transformação do espaço e da matéria. Logo, é preciso também o repouso, como manifestação da potencialidade da vontade, e a terra, no seu psiquismo temperamental é capaz de ter esses dois devaneios: repouso e vontade.

A TERRA COMO VONTADE E REPOUSO

A vontade³ de transformar, de moldar o espaço é a força de Devir que se une à imaginação. Logo, a vontade tem uma dupla manifestação, a saber, uma que tenta se conservar e a outra que se expande e se potencializa, e por meio da mão, de sua capacidade

² A consciência, para Bachelard, é transsubjetividade e “Só a fenomenologia — isto é, a consideração do início da imagem numa consciência individual — pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transsubjetividade da imagem” (BACHELARD, 1993, p. 3).

³ Bachelard procura distinguir duas vontades, a saber, uma nietzscheana e a outra schopenhauereana, uma que potencializa e a outra que repousa. Ele relaciona a terra com a imaginação de forças, espaço em que o homem exerce suas forças de transformação nas matérias terrestres, na madeira, no metal, etc.

de transformação e molde da terra, mergulhada na sua capacidade imaginativa, material e criadora é que na terra se constrói lugares.

É nesse fundo de psiquismo que advêm as imagens, produções primordiais da dimensão noturna posta por Bachelard. A imaginação precede a racionalização na medida em que é anterior ao próprio pensamento, por criar imagens que transcendem a própria realidade. Por isso, seria até mais adequado, ao invés de usar o vocabulário “imagem”, substituí-lo por “imaginário”, visto que este concebe a imaginação como um psiquismo aberto, criador, que vai além da lógica e onde residem as pulsões arquetípicas do ser humano.

“As imagens verdadeiras, dos que vivem a vida, são aquelas em que a imaginação trabalha uma matéria e obedece um dinamismo, e é destes fatores (materiais e dinâmicos) que se controlam os componentes formais das imagens” (PARIENTE, 2001, p. 20).

O fundo de psiquismo em Bachelard se configura como uma função primordial de conhecimento do ser humano. Uma constituição que se flexiona entre as fronteiras do sujeito e do objeto de modo que, por meio de imagens, lembranças e conceitos, o indivíduo entende a si mesmo diuturnamente, ou seja, na complementariedade entre os aspectos diurnos e noturnos da vida. Seu imaginário vai se aproximando sempre mais de um psiquismo junguiano, nessa conexão em que o cosmos, por meio dos arquétipos da consciência, produz uma série de imagens de experiências ancestrais não particulares a um só indivíduo.

Nesse espaço psíquico em que

Acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer ‘suspender’ o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do espaço (BACHELARD, 1993, p. 28-29).

Dessa relação, entre espaço e tempo, é possível entender o emergir que o espaço imaginário tem em relação ao concreto, uma correlação ontológica por meio dos microespaços bachelardianos. Desvelar essa correlação é o grande desafio, pois, assim, Bachelard pode nos mostrar que a chave para o conhecimento se dá como uma pulsão humana, como uma vontade estética pela inteligência científica, da maneira em que seu imaginário transforma e habita o seu espaço, pela forma cultural de suas habitações e a relação afetiva com sua terra. Essa é a ciência primeira, que representa sua sobrevivência, sua forma de encarar as intempéries e de transformar o seu ambiente.

A terra é o próprio elemento onde se dão essas pulsões, visto ser ela o espaço material preenchido. Ao mesmo tempo que dela vem a dinâmica da vontade, também nela está o sustentáculo do repouso. Dessa maneira, a terra se mostra como o espaço onde estão todos os elementos químicos. É o telúrico, que embora pareça negro e sombrio, ainda assim é a matéria necessária para qualquer tipo de edificação natural. No entanto, a terra por ela só, acaba por ser vazia se não for efetivamente explorada e habitada.

“Uma longa tradição, desde Aristóteles, mas, principalmente com o cartesianismo dos séculos XVII e XVIII, fizera da linguagem um instrumento da representação. Um espaço vazio de coisas. Vazio de vida” (TERNES, 2014, p. 74). Desse modo, da relação entre espaço e linguagem, no contexto terreno, é como o ser humano encontra a maneira de dizer que a própria natureza preenche a terra, dessa relação, se faz a possibilidade com que possamos ver que o espaço configurado como um fator extremamente importante a ser analisado do caminho do não-ser ao ser. “A ideia de vazio não supõe mais a ideia de vazar do que a ideia de cheio a de encher [...] sendo esvaziamento e preenchimento criações iguais do devir, mas Bachelard pensa muito mais radicalmente: tudo vem do nada a todo instante” (QUILLET, 1977, p. 50).

Entre as diversas concepções, por ontologia, pode-se entender um modelo que represente um conjunto de conceitos dentro de um domínio de relacionamentos. As ontologias envolvem classes de objetos, atributos ou propriedades que esses objetos têm em relacionamento uns com os outros. “São estas realidades sonhadas que requerem uma ontologia que, em *‘A poética do espaço’*, Bachelard enuncia como ‘ontologia direta’ (FERREIRA, 2003, p. 25)”. Nesse sentido, Bachelard funda uma ontologia baseada diretamente nos espaços concretos, diferente de boa parte dos ontologistas modernos que estavam preocupados com o tempo. Bachelard reduz o tempo em instantes para, com isso, abrir espaço para instantes de rupturas, que tragam novidades, que gerem devires ou devaneios.

A própria noção de devaneio, em Bachelard, já provém de uma ontologia entre o ser e o não-ser. O devaneio é o devir onírico, o vir-a-ser da própria liberdade de sonhar. Ele é uma relação entre ser e não ser, pois o ser é um pensamento negativo, ou seja, ele antecede a clareza. Assim, o devaneio é a própria positividade que se sucede ao cogito do sonhador no espaço puro do onirismo ou do não-ser.

A CASA COMO ESPACIALIDADE

Após refletir sobre os aspectos ontológicos e subjetivos do espaço e sua relação com o ser e o não-ser, buscaremos agora entender como se dá a morada do ser em Bachelard. Para o filósofo, a casa é uma manifestação do próprio cosmos e por isso é um reflexo da morada do ser. Talvez por sua perspectiva materialista, a casa é um ser privilegiado na constituição da subjetividade. Nesse caminho, da casa e seu terreno espacial, se delineia a inter-relação entre objetividade e subjetividade. Ela está num lugar do espaço e nela está a manifestação da vida consciente, por isso, habitar esse espaço tem um caráter de intimidade sobre si mesma, como o indivíduo vive, sobrevive e se abriga. Por uma casa é possível conhecer tanto sua psicologia, seus medos e sonhos, como os limites do horizonte de um indivíduo.

Em *A terra e os devaneios do repouso*, Bachelard nos fornece uma imagem concreta do espaço de uma intimidade material, da primitividade da casa que vai das cavernas até a relação entre casa natal ou mesmo onírica. O habitar onírico é mais do que um habitar na lembrança ou na memória. A casa natal que contém essa habitação imaginária e originária é a nossa construção pessoal, da infância à maturidade. A casa onírica é a gruta e o labirinto. Nelas está a “isomorfia das imagens do repouso” (BACHELARD, 1990, p. 78). Bachelard evoca filósofos como Thoreau para demonstrar que a casa onírica é como essa vontade de habitar a natureza, de ter a sua casa na árvore. Lugar para repousar, essa é a casa em um aspecto universal. Ela pode ser até ser fenomenologicamente uma complexificação de um assento, uma cadeira que vai se alargando em espaços, utilidades, necessidade até virar uma verdadeira morada. A casa é a diferença entre a dialética do nômade e a do autóctone. É nessa dialética que o devaneio ganha a sua mobilidade domiciliar, visto que é na intimidade da casa que o indivíduo constrói o reino do seu ser.

A casa onírica seria o quarto escondido da casa, mais especificamente, o quarto dos fundos, o mausoléu onde ficam as lembranças esquecidas e sublimadas no inconsciente, que acordam durante a noite e vagam para o sonhador. Por mais que a casa seja a sede da instituição da família, nos sonhos vive-se sobretudo a sós. A casa é a célula primeira. O seu telhado é o lado consciente que recebe a luz do sol e o seu porão ou quarto dos fundos é o inconsciente. Por isso, nessa distinção entre casa onírica e natal, ambas, no fundo, são uma casa só, com suas partes que se complementam. Segundo Bachelard, “uma casa sem sótão, é uma casa onde se sublima mal, uma casa sem porão é uma morada sem arquétipos” (BACHELARD, 1990, p. 82). Não é à toa, que desde os gregos, a palavra *Ethos*, tem, entre seus significados, a morada.

Pelo seu caráter edificado, a casa precisa de uma escada, com seus graus e degraus para que haja uma topografia. A topoanálise bachelardiana consiste em estudar os espaços físicos que se alojam no homem, visto que é o estudo da alma como morada humana, é também, em outras palavras, o estudo dos níveis dessa casa imaginária. Tendo em mente esses lugares físicos da vida íntima, a casa é o cenário de um espaço de tranquilidade, onde se dá também uma topofilia. A topofilia consiste, num âmbito expansivo, em ocupar os espaços abandonados, tais como aqueles recalcados no inconsciente, torná-los lugares por uma nova construção afetiva. Nessa fenomenologia, o indivíduo perde o medo, como uma criança que tinha medo do porão: “porão e sótão podem ser detectores de infelicidades imaginárias, dessas infelicidades que muitas vezes marcam, para o resto da vida, um inconsciente” (BACHELARD, 1990, p. 83).

Para esse instante, é preciso, então, a chama de uma vela para descer ao porão, para lá buscar o vinho fresco, por exemplo, e conhecer ali a raiz da casa que brota na terra. Quando Bachelard se refere a chama da vela,⁴ evocando o elemento do fogo, refere-se também ao próprio devaneio, uma espécie de meditação sobre as formas da sombra e sobre a luz da vela. A própria ideia da lâmpada é como uma florescência do devaneio, visto que o calor e o fogo iluminam a casa com a luz da consciência. Essa vela, que ora se acende ora se apaga, é a própria meditação sobre a vida e a morte. É, por isso, uma exaltação de dois mundos em união por meio de uma chama. A vela ilumina os objetos poéticos da casa, a luz que protege os habitantes da casa na noite cria a consciência familiar. A lâmpada, à noite, antecede a possibilidade da escuridão onírica do sonho e a casa, nesse contexto, se situa no limiar entre esses dois mundos.

“A casa iluminada é como uma estrela no meio da floresta” (BACHELARD, 1990, p. 89), visto que ela é a clareira do viajante perdido. Sua luz das janelas mostra a janela como um olho aberto: é a moldura das visões de mundo. Uma fenomenologia da janela revela justamente o processo de interiorização do exterior. Se é feita de vidro, demonstra a transparência da visão. Numa topoanálise, a janela demonstra a condição humana de cada indivíduo com a perspectiva ou o horizonte em que se encontra o seu ser. Se o *lebenswelt* é o mundo que ele enxerga, nada como ter um bom horizonte sob a sua janela, pois nele se revela a possibilidade de habitar a natureza em sua variedade. Bachelard sugere três mundos examinados pela visão de mundo fenomenológica: *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*, respectivamente, mundo ambiental, inter-humano e pessoal. Para cada um desses mundos há uma espécie de poesia. Na primeira, há uma poesia cósmica e elemental: elas geram uma

⁴ É importante ressaltar que é em *A chama de uma vela* que se desvela mais claramente o devaneio dessa questão. Tanto que Bachelard considera a chama como um dos operadores das imagens.

felicidade demiúrgica da criação do mundo pela sua ontologia pessoal; na segunda, o *mitwelt* é considerado um sóciodrama e; na terceira, o *Eigenwelt* um psicodrama. Essa dramaticidade, segundo Bachelard, exigiria um livro inteiro para discutir esses conflitos mundanos da *daseinanálise*.

Esses diferentes aspectos existenciais, permitem retomar o curso da existência de cada indivíduo por meio de suas relações com o mundo. Seria talvez quando como se sai da casa, ou talvez quando se sai do quarto. A topoanálise quer entender que numa mesma casa habitam outros seres, que em cada canto da casa há um espaço para o imaginário, para aquilo que ultrapassa a razão.

Desse modo, na casa, janelas e portas se constituem como a exterioridade fenomenológica, porão e sótão, a estruturação desse espaço. A escada, a via topoanalítica de ir de um espaço para outro. Restaria, em vista disso, uma análise mais minuciosa ou miniaturista desse espaço da interioridade. Sobre essa questão, Bachelard indica que a miniatura é o espaço onde os valores se condensam e se enriquecem. O que somos nós além de miniaturas nesse imenso universo? Bachelard se refere inicialmente a miniaturas literárias, como objetos fenomenológicos. Depois, mostra que o poeta vigoroso deve ter uma capacidade de minituarizar às imagens para mostrar o grandioso. Esse paradoxo está no poeta do universo, Anaximandro, que diz que em tudo há uma porção de tudo. Essa relação da qual derivaria mais adiante a ideia de ato e potência, como bem examinada por Dagognet, que relata o pensamento bachelardiano como se:

A ideia de universo apresenta-se como antítese da ideia de objeto. [...] quanto mais enfraquece a minha atitude de objetividade, maior é o mundo. O universo é o infinito da minha desatenção. [...] Dito de outra forma, o eu penso o mundo põe-me fora do mundo. Pelo contrário, meditem no axioma do filósofo do universo: tudo está em tudo. Escutem-no cantar, como um poeta, o seu *Einfühlung* entre as formas e as luzes, as exalações e os perfumes. Vejam-no na sua atitude paradoxal: é abrindo os braços imensos que ele abraça o mundo (DAGOGNET, 1980, p. 68)

É nesse universo do sentir-com (*Einfühlung*) que está o espaço que cabe todos os espaços e, por isso, a revolução da abstração bachelardiana propõe a necessidade de formar espaços mais complexos e apropriados para abrigar os objetos filosóficos, oníricos, estéticos e ontológicos.

A METAFÍSICA DO HABITAR

O ser é o núcleo das relações ontológicas e, por isso, seu estudo explica os elementos de como o ser humano traduz seus espaços. No caso do habitar, sua morada começa na interioridade, mas ele é a busca de uma camada que o acolha, que construirá e chamará de casa. Esse espaço íntimo é o seu não ser que, pela afetividade, passa de não eu ao próprio eu, já que para Bachelard, a casa é o não-eu. O ser humano amplia o seu ser na medida em que habita. Desse mesmo modo, toda exterioridade do espaço, todo o não-ser nebuloso, obscuro e noturno que permeia o imaginário caracterizará a maneira como ele preenche esse espaço habitado.

Bachelard opera várias diferenciações ao verbo ser, jogando com as palavras abstratas, nos seus prelúdios de reconstrução ontológica. Para ele, o ser é um valor, na medida em que o ser se concentra ou mesmo se dispersa, tanto que um poeta pode ter mais ser ou menos ser que outros, desde que a busca seja sempre pelo “bom ser”. Se formos falar do desastre do ser, é justamente o drama ontológico dos sócio e psicodramas do ser perdido. “O não ser também está de volta com um Nada que funciona. Todo o drama do Ser perdido é relido no início do capítulo intitulado 'O Cogito do sonbador'" (RAMNOUX, 1974, p. 393). O nada consiste na aproximação de um sonho e não num devaneio e a chave para a compreensão dessa metafísica é justamente o sono, é nesse espaço que o ser fica em equilíbrio, fica em paz e nascem os devaneios da habitação, quando, parafraseando Bachelard, o nada se torna a primeira ideia clara intersubjetiva.

O habitar, em Bachelard é também refúgio e solidão. Nos níveis topológicos da casa, os níveis do ser do porão, sótão se mostram como a afirmação da casa frente à terra e o ar. Na intimidade da terra ainda não há uma clareza do ser, sendo uma impossibilidade de clareza quando tudo é preenchimento. O porão é instinto, uma oscilação entre um sentido e outro e, na medida que as coisas se tornam distintas, nesses horizontes da casa, se faz um lugar feliz, faz-se essa inter-relação da *topoanálise*.⁵

A imagem da casa é a da sustentação da subjetividade. O porão representa aspectos indecifráveis do eu, seu inconsciente, medo. A dimensão de uma presença concreta e necessária para a sustentação do eu. A casa de um indivíduo pode ser construída e reconstruída durante a existência, principalmente com a importância simbólica do lugar do sótão, onde há uma conformidade da forma da intimidade originária. Acolher a condição fixada inicialmente dessa necessidade simbólica em um lugar, numa família, numa época, num lugar. A habitação acaba sendo anterior a nossa escolha, ao mesmo tempo, não há

⁵ A topoanálise é um conceito bachelardiano que designa os espaços da interioridade humana e seus devaneios. A topoanálise é um conceito que tem a ver com a análise dos espaços da linguagem e por sua vez a sua habitação como morada do ser.

esgotamento de sentidos, pois na obscuridade onírica da casa se contrapõem sempre as imagens do porão e do sótão, neste último, todo iluminado pelo sol, há a possibilidade da plena compreensão alcançada na intimidade. É no sótão que o destino da constituição completa que vai do porão até a casa como um todo. O sótão é a superação da angústia do porão. E todas as casas do devaneio são assim. A integração entre sótão, porão e térreo, é uma verticalidade do que é satisfatório, uma vida integralmente habitada no mundo.

A metafísica, como pressuposto da ciência, deve dar conta dos aspectos diuturnos, ela consiste nessa escolha intuitiva e relacional, na medida em que faz crítica a um idealismo intuitivo como insuficiência de dar conta da relação sujeito-objeto. Bachelard considera que essa relação gera um idealismo imediato em que o terreno objetivo pretende prender a ideia, contudo, a ideia não pode ser presa, somente as suas correlações.

Não é possível aprisionar a ciência aberta, sempre inacabada e sempre em reconstrução, localizada, histórica, não linear e dialética, num qualquer sistema metafísico fixo. Mas os metafísicos não conseguem entender que nem todas as noções científicas se encontram na mesma etapa da sua vida metafísica. Não há que escolher, em ciência, entre realismo e racionalismo (RIBEIRO, 2015, p. 157).

Não há fixidez metafísica pelo fato de haverem dois vetores epistemológicos advindos da metafísica: o racionalismo aplicado e o materialismo técnico. Nesse sentido, um aspecto importante dessa metafísica para a ciência e a perspectiva racional de Bachelard leva à crítica da relação entre matéria e forma, de tal modo que, a matéria sempre esteve submetida metafisicamente a forma. Contudo, para Bachelard,

Aqui há, portanto, uma diferença essencial entre um materialismo metafísico fixado na matéria-bruta e do materialismo aplicado em um conjunto consistente de materiais que dão testemunho de pureza técnica. É por isso então que o materialismo técnico é inseparável de um racionalismo aplicado (BACHELARD, 1953, p. 80).

Nesse sentido, é preciso certamente se remeter a relação entre matéria, energia e luz. Nela, a epistemologia do espaço será essencial nessa tarefa, pois é aí que entra a chamada ontologia ondulatória do espaço. Nela, as aniquilações das massas geométricas passam a ter lugar próprio, sujeito e objeto se confundem, se constroem mutuamente e agora não só o ego habita o mundo, mas o mundo habita em mim e aí se revela o inter-espaço do cosmodrama.

A ruptura violenta de Bachelard entre as duas bordas de sua filosofia meteórica, dividem-se entre o natural e o fenomenotécnico, daí surge uma obrigação de

eliminar o entre-dois e situar no solo poético os jogos do mundo, formas geofísicas e suas transformações. Os picos, as encostas e linhas de um campo, as ondas, tempestades, deslizamentos de terra e as mesmas flexões - todas nos reenviam juntas a um dinamismo antropológico, como se os eventos do universo orquestrando principalmente aspirações ou medos (o cosmodrama) (DAGOGNET, 1977, p. 14).

Desse modo, o cosmodrama se constitui finalmente nas correspondências e ações topoanalíticas que marcam a diferenciação e resolução entre um drama social, psíquico e cósmico. Contudo, nessa perspectiva fica uma paisagem da marca do engajamento humano, da sua transformação da terra, do seu habitar que evoca um repouso entre cosmodrama e do antropodrama. Essa dimensão se sintetiza numa perspectiva antropocósmica bem envolvida na figura da casa, na interação por sua vontade ou não entre o homem e o ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa investigação fenomenológica dos espaços, é possível entender com Bachelard, como a ciência, ou melhor, o cientista por si só, não habita as coisas, pois habitar os espaços exige a criação de conceitos, que guiem nossa ação no mundo, mas que abarquem além da compreensão e extensão do mundo, a complexidade da experiência psíquica e imaginária. A espacialidade como o lugar do repouso, seja na interioridade, seja na habitação, prevê a possibilidade da matéria sustentar as formas que permeiam tanto o imaginário como a dessubstancialização de uma metafísica abstrata. Bachelard se denomina um crítico da substância como conceito concreto, a substância pode ser mais que um obstáculo da compreensão epistemológica do mundo, posto que este que deve ser eternamente descoberto e mesmo desconstruído. Ao invés de uma substância que subjaz e divide a experiência entre sujeito e objeto, é preciso tentar observar a unidade que molda o tempo todo a vibração rítmica do espaço-tempo, assim compreendemos como a natureza preenche o espaço.

Por isso, Bachelard indica na *Poética do Espaço* que a questão do dentro e do fora, “trata-se realmente de um Ultracosmos e de um Ultramicrocosmos” (BACHELARD, 1990, p. 3), levado às infinitas potências da capacidade de especializar o preenchimento de tudo. A matéria vibra e o repouso é uma vibração feliz, pois é justamente o que faz permanência no espaço, opondo-se ao durar no tempo. É aí que o tempo se comprime no espaço, intensificando o valor energético da relação espaço-tempo. E assim, o espaço vai

ganhando sentido, quando o ser encontra seu abrigo. “É aí que Todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p. 200).

É no estudo dos níveis, na topoanálise psíquica da casa que se encontra a expansão do indivíduo no cosmos. Nesse sentido, há quem considere o repouso involutivo, pois em sua metafísica ele assume um debruçar sobre si mesmo, como um refúgio subterrâneo onde está a própria essência onde repousa o ser. Ora, é no escavar arqueológico que se estrutura a base, a fundação necessária para uma verticalidade edificante na qual não contam mais as ideias, mas sim as imagens. É nessa profundidade desse movimento que se encontra a harmonia com o cosmos, uma sensação de bem-estar e repouso, ou em outras palavras, a própria felicidade e alegria do ser. “Parece que a dialética da intimidade e do Universo é especificada pelas impressões do ser oculto que vê o mundo na moldura da janela” (BACHELARD, 1990, p. 90).

Por conta dessa janela ocular com que se observa o mundo da casa, restam ainda alguns desafios para futuras reflexões; se a ciência fabrica o ser, ao mesmo tempo, ela necessita da ontologia para ser explicada, é uma questão do *a posteriori* da ciência, ter uma filosofia que faça jus as inovações tecnológicas como o espaço pode ser produzido. São devaneios reflexivos contra a ontologia da exatidão, por uma ontologia discursiva, direta, concreta, espacial, regional, e local.

O que ocorre nesse sentido é que na medida em que cientificamente a própria matéria perdeu o seu espaço privilegiado após as revoluções quânticas. Agora, simplesmente, a forma da energia importa numa categorização de espaço-tempo em que a matéria, campo e o próprio espaço aparecem como elementos fenomenológicos intuitivos na ordem da epistemologia. Tal pressuposição abre mais aproximações na ordem de um espaço ontológico e imaginário, visto que é possível então filosofar sobre os horizontes, lugares, paisagens numa metodologia onto-fenomenológica regional e interdisciplinar, agregada com as ciências da Terra principalmente, mas também com inter-espacos da física e da matemática.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **Le matérialisme rationnel**. 3e édition. Paris: Les Presses universitaires de France, 1953.

_____. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A poética do Espaço**. 2. ed. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BULCÃO, Marly; BARBOSA, Elyana. **Bachelard**: Pedagogia da Razão, Pedagogia da Imaginação. São Paulo: Vozes, 2003.

DAGOGNET, François. **Bachelard**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1980.

FERREIRA, Fábio. O valor ontológico do pensamento bachelardiano. **Cronos**, Natal-RN, v. 4, n. 1/2, p. 23-31, jan./dez. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/cronos/article/viewFile/3264/2653>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

PAIVA, Rita. **Gaston Bachelard**: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia. São Paulo: Anablume, 2005.

PARIENTE, Jean-Claude. **Le vocabulaire de Bachelard**. Paris: Ellipses, 2001.

QUILLET, Pierre. **Introdução ao pensamento de Bachelard**. Tradução de César Augusto Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

RAMNOUX, Clémence. Monde et solitude ou de l'ontologie de Bachelard. In: GOUHIER, H.; RENE, P. **Bachelard**: Colloque de Ceresy. Paris: Union Générale D'Éditions, 1974.

RIBEIRO, Claudia. Metafísica e ciência em Gaston Bachelard. **Ideação: Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas**, Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 32, p. 137-166, 2015.

TERNES, José; ALMEIDA, F. F.; WERNECK, M.; OLIVEIRA, N.; BORGES, L. A. C.; BULCAO, M. (Org.). **Tempo de Lautréamont**. Goiânia: Edições Ricochete, 2014.

Recebido para avaliação em 18/02/2016

Aceito para publicação em 27/05/2016